

Da fogueira de acampamento*

The campfire

Curt Unkel Nimuendajú

Numa pequena clareira no barranco do rio Batalha, uma fogueira projeta a sua luz trêmula nos galhos das árvores da mata deixando vislumbrar através de suas copas, aqui e ali, o claro céu estrelado. Uns poucos homens e crianças pardas com roupas pobres e rasgadas, com cabelo negro desgrenhado, deitam perto da chama onde também uma mulher, cujas compridas madeixas escuras encobrem os ombros, está ocupada em assar um peixe na brasa. Uma segunda mulher está sentada um pouco mais para trás, de onde balança o neném dela, deitado numa rede estendida embaixo das árvores, sussurrando uma melodia monótona. Dois cachorros magrinhos sentados juntos miram, com olhar pensativo, a cavidade de uma panela vazia no chão, ao lado de varas de pescar, arcos, flechas e cabaças. São índios Guarani numa incursão pelas matas. Entre o grupo na fogueira o velho Patay está com a palavra. Com a cabeça apoiada na mão, está agachado no chão contando para os seus ouvintes mais novos sobre os tempos de seus ancestrais, já há muito passado, de como era no princípio quando ainda não havia portugueses (quer dizer brasileiros), quando os Guarani eram poderosos e fortes porque ainda não haviam se acostumado com o pernicioso modo de viver dos estrangeiros e quando os homens ainda eram guerreiros valentes: o terror dos seus inimigos, os Avavai. De toda a glória dos antepassados, o que é que ficou para os tataranetos que nos pântanos do rio Batalha encontram hoje o seu último refúgio? Em voz baixinha, monótona e de um modo estranho e desconexo, ressoa na língua Guarani a narração do velho; poder-se-ia pensar que recitasse uma oração fúnebre para o seu povo agonizante.

No início do século passado, as choupanas daquela tribo ainda não ficavam no território do atual Estado de São Paulo, mas distantes ao oeste, para além do rio Paraná, no rio Iguatemi, um afluente direito daquele portentoso rio. Essa região que hoje forma a parte mais ao sul do estado de Mato Grosso, ficava naquele tempo, depois que falhara a tentativa de garanti-la para

* Publicado originalmente no jornal *Deutsche Zeitung*, 16/12/1910. Tradução de Peter Welper. Uma primeira tentativa de sistematização dessa história pode ser encontrada nos "Apontamentos sobre os Guarani", no item "Os Guarani no Iguatemi por volta de 1830" (2013 [1908], neste número). Nimuendajú também faz menção a essa história no "Relatório sobre os Xavante de Mato Grosso (1913)" (NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. Campinas: Editora Unicamp, 1993).

Portugal, com a fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, muito mais sob a influência do Paraguai do que do Brasil, e o esparsos trânsito que os índios de lá mantiveram com os estrangeiros ia, em primeiro lugar, exclusivamente na direção do país citado, para onde se sentiam mais atraídos, por causa da semelhança linguística.

Certo dia, os habitantes da aldeia entraram em suas canoas e desceram o rio em direção aos paraguaios, enquanto apenas cinco pessoas permaneceram no lugarejo. Eram eles: a mulher do cacique com o último filho no colo; o filho mais velho, mal saído da idade de garoto; mais outra mulher e um homem velho. Logo depois que os demais moradores da aldeia partiram, um bando de guerreiros dos inimigos Avavai cercou as choupanas e caiu sobre os que tinham ficado. O filho do cacique que defendeu bravamente a mãe foi abatido, o ancião igualmente, enquanto as duas mulheres e o neném foram capturados depois que os Avavai atearam fogo nas choupanas. Numa marcha acelerada, os ladrões seguiram caminho com os seus prisioneiros de volta à aldeia. Quando irrompeu a noite, e eles se preparavam para acampar, as mulheres capturadas se aconselharam sobre o que fazer. Sabiam que os guerreiros da sua tribo as seguiriam e tentariam fazer os Avavai perderem as suas presas. Assim que escureceu amarraram às escondidas as flechas nos arcos dos guerreiros Avavai a fim de deixá-los indefesos em caso de um ataque. Entretanto, também os Avavai pareciam temer um ataque dos Guarani e, nesse caso, o choro da pequena criança Guarani os inquietava de tal maneira, que um guerreiro finalmente pegou na perna do menino, arrancou-o dos braços da mãe e o expôs à fumaça da fogueira até que ele inconsciente e quase asfíxiado se calasse. A esperança das mulheres Guarani, no entanto, não se realizou, e no terceiro dia os Avavai chegaram tranquilos com seus capturados na sua aldeia.

Depois de ter voltado com os seus homens, o cacique Guarani ficou horrorizado perante a obra do arqui-inimigo do seu povo. Em vão procurou por um vestígio de sua mulher e do seu filho mais novo e, quando chegou a ter certeza de que ambos tivessem sido raptados, conclamou todos os homens para que seguissem os Avavai imediatamente. Os guerreiros afiaram as suas facas de mato, endireitaram as suas flechas por cima do fogo e durante toda a noite entoaram as canções mágicas e os clamores fúnebres. Quando então despontou o dia, os Guarani procuraram pelas pegadas da retirada dos inimigos em torno da sua aldeia destruída, seguindo-as cuidadosamente. Eles passaram pelos dois acampamentos abandonados dos Avavai e, ao meio dia do terceiro dia, estavam em frente da aldeia inimiga, na proximidade do rio. Por coincidência, justamente nesse momento, um bom número dos aldeões encontrava-se no rio tomando banho, onde riam e faziam barulho, enquanto o cacique deles estava sentado na beirada fazendo um cesto. De repente, o cacique Guarani surgiu no barranco. Num desafio teimoso avançou e enfurecido lançou-se com

seus guerreiros sobre o assustado inimigo indefeso com o qual os Guarani provocaram um terrível banho de sangue. Embora o restante da aldeia tenha escutado o barulho da luta no rio, imaginaram tratar-se de uma brincadeira dos banhistas e não se preocuparam com isso até o momento em que os Guarani, com gritos selvagens, atiraram-se nas choupanas. Aí então, todo mundo dissipou em debandada e apenas uma mulher Guarani logo correu ao encontro dos seus companheiros de tribo que agora açularam o inimigo fugitivo pela mata. O irmão do cacique Guarani perseguiu com extrema persistência dois Avavai que fugiam diante dele e, finalmente, num lugar calmo e fundo do rio, se jogaram na água. Sem pensar, o Guarani saltou atrás deles, mas logo os dois se atiraram sobre ele submergindo-o e procurando afogá-lo. Desesperado ele se defendeu por muito tempo, mas a faca escapou de sua mão e ele finalmente percebeu que haveria de sucumbir. Eis que no último instante se lembrou de uma pequena faca que ganhara de um paraguaio e que guardava no seu cinto. Reunindo os seus últimos esforços, ele conseguiu se livrar por um momento dos seus adversários. Segurando a pequena arma, mergulhou e cortou com ela a barriga de um e deu ao outro uma estocada no peito. Enquanto os corpos dos seus adversários afundaram no rio, ele, totalmente exausto, escalou o barranco e, com um alto grito de sinal, chamou o cacique dos Guarani e sua gente. Estes, entretantes, tinham vasculhado em vão toda a área à procura da mulher e do filho do seu chefe. Todas as chamadas ficaram sem resposta, embora a procurada – segundo as declarações da mulher Guarani libertada – estivesse na aldeia na hora do ataque. Desse modo, sem tê-la encontrado, tiveram os Guarani finalmente que partir. Seu cacique, porém, não conseguiu esquecer a sua mulher e filho, e passado pouco tempo, liderou os homens de sua aldeia outra vez contra os Avavai. Outra vez uma aldeia inimiga foi assaltada, mas também aqui procuraram em vão pelos desaparecidos e tinham de voltar sem nada terem feito. A partir desse dia, inconsolado pela perda, o cacique caiu em melancolia. Tramando, com cólera, meios para a libertação de sua mulher e filho, ficava sentado na choupana e logo foi timidamente evitado por todos, por o considerarem louco. Quando então, pela terceira vez, conclamou seus guerreiros contra os Avavai, ninguém mais quis segui-lo. Aí ele entregou o cargo de cacique ao irmão e foi para o mato com o expresso desejo de morrer. Ninguém o seguia a não ser um garotinho, seu segundo filho.

Na manhã, depois que ambos deixaram a aldeia, no entanto, apareceu ali, totalmente inesperada, a esposa desaparecida do cacique, incólume com o menino no braço. Quando os Guarani assaltaram os Avavai pela primeira vez, a selvagem gritaria de ataque a assustara tanto que fugira cegamente com os inimigos para o mato. Quando então recuperou a razão e pensou sobre o seu atordoamento já era tarde demais, e, apavorada imaginou como o seu esposo zangar-se-ia com ela por causa desse erro que arruinara toda a expedição de guerra. Esse temor perante a sua ira a levou então a fugir junto com os inimi-

gos até que finalmente a saudade a impeliu a tentar a fuga sozinha, o que por fim conseguiu. Nesse meio tempo, o cacique Guarani sozinho com seu garoto vasculhava a mata atrás de vestígios do inimigo. Numa tarde, surgiu um violento temporal e logo choveu torrencialmente. Ameaçando de escurecer e com o tempo ainda não melhorando, o cacique procurou uma proteção debaixo de um tronco de árvore e indicou ao filho outro abrigo perto. Enquanto eles ficavam assim sentados deixando passar o mau tempo, eles foram descobertos e cercados por uma tropa de inimigos. Quando o cacique percebeu as figuras que se aproximaram às escondidas, se arrastando; ele se ergueu com cólera e os chamou teimoso: “Venham cá, suas corujas, vamos lutar!” Aí os Avavai avançaram com as suas bordunas e num minuto o guarani virou um cadáver ensanguentado horrivelmente multilado por entre arbustos pisoteados com os inimigos extasiados da vitória dançando ao redor dele. Com pavor o garoto presenciara o destino do pai, o qual ele não podia evitar porque estava armado só com uma curta borduna. Fugiu então como uma caça assustada pela mata crepuscular encharcada de chuva, perseguido por um guerreiro Avavai. Os adversários não acharam necessário, destacar mais gente para a perseguição do pequenino. Apesar de todas as maneiras com as quais o garoto procurava escapar do seu perseguidor, este se aproximava cada vez mais e começou a estender a mão para pegar na sua borduna. Nisso ele se atirou agilmente aos pés do seu perseguidor e, com um golpe bem deferido da sua pequena borduna, destroçou sua canela. Num instante, o garoto guarani então estava novamente de pé, e numa saraivada de bordunadas que esmagaram a cabeça do guerreiro Avavai ferido, manifestou todo o ódio tribal e a sede de vingança que os Guarani sentem até hoje contra esta tribo inimiga. Em seguida, o garoto continuou a fuga para a sua aldeia natal, aonde felizmente chegou transmitindo a notícia triste do ocorrido. “Meu pai”, disse ele, “morreu da mão dos Avavai, mas”, acrescentou com orgulho, “eu também abati um dos guerreiros Avavai”!

Aquele garoto Guarani que nos braços de sua mãe veio a ser roubado junto com esta, morreu muito velho no começo dos anos noventa do século passado, no Sertão de Bauru. Ele era o pai do conhecido cacique Guarani Honório Araguayra, que, em maio de 1901, na infortunada tentativa da missão do Monsenhor Claro Monteiro no rio Feio, perdeu a sua vida debaixo das flechas dos Coroados selvagens e cujo filho Avacauju é agora cacique da horda Guarani no Rio Araribá¹.

Recebido em 26 de fevereiro de 2013

Aprovado para publicação em 28 de março de 2013

¹ Uma primeira tentativa de sistematização sobre a morte de Araguayra e do Padre Claro Monteiro do Amaral pode ser encontrada nos “Apontamentos sobre os Guarani”, no item “Os Guarani no rio Feio 1895-1901” (2013 [1908], *neste número*) [nota da presente edição].